

A MORDIDA NA CRECHE

Eliane Matos de Moura Pinheiro da Silva¹
Suzi Silva Valle²

RESUMO: O artigo explora o fenômeno da mordida no contexto da educação infantil, destacando a percepção comum de que esse comportamento é frequentemente considerado agressivo e incontrolável. Observações de professores, auxiliares de desenvolvimento e relatos informais de pais e cuidadores revelam que, mesmo em crianças de 0 a 3 anos, a responsabilidade é atribuída a um ou mais culpados. No entanto, o artigo argumenta que teorias modernas sobre a infância e agressividade nas crianças oferecem perspectivas alternativas. As teorias de Sigmund Freud, que enfatizam a agressão como um elemento constitutivo do desenvolvimento infantil, e a abordagem sociointeracionista de Levi Vygotsky, que considera o desenvolvimento psicológico como um processo contextualizado e socialmente influenciado, são discutidas como contrapontos às visões tradicionais. Além disso, o artigo menciona o trabalho de Wallon, um pioneiro nos estudos do desenvolvimento humano, que destaca a importância das emoções e a influência do meio social no desenvolvimento das atitudes das crianças. Ele enfatiza a interação com os outros, especialmente com pais, avós, tios e professores, como um fator fundamental na formação do comportamento das crianças diante do mundo. Em conjunto, essas perspectivas sugerem a necessidade de uma abordagem mais holística e contextualizada ao entender e lidar com a agressão nas crianças na educação infantil.

3612

Palavras- chave: Agressão infantil. Desenvolvimento infantil. Perspectivas teóricas.

1. INTRODUÇÃO

Observando o cotidiano dos professores e auxiliares de desenvolvimento com as crianças e ouvindo relatos informais dos pais/cuidadores, foi possível perceber que morder na educação infantil é quase sempre retratado como um ato puramente agressivo ou incontrolável,

¹ Graduada em Pedagogia na Educação Infantil e Séries Iniciais pelo Centro Universitário Varzeagrandense – UNIVAG, Especialista em Educação Infantil pela Universidade Federal de Mato Grosso – UFMT.

² Graduada em Educação Física pela Universidade de Cuiabá – UNIC.

foi possível perceber que um ou mais culpados são identificados, embora isso se aplique a crianças de 0 a 3 anos.

A partir do diálogo com diversos teóricos modernos, mais precisamente aqueles que tratam do conceito de infância e das manifestações de agressividade nas crianças, e em conexão com os objetivos deste estudo, ficou claro que alguns estudos trazem agressividade e desenvolvimento para as crianças. com outras perspectivas.

É o caso da psicanálise quando seu principal autor, Sigmund Freud, fala sobre as etapas do desenvolvimento infantil e introduz o conceito de agressão como algo constitutivo do self e necessário ao autodesenvolvimento. E a teoria sociointeracionista defendida por Levi Vygotsky, segundo a qual o desenvolvimento psicológico não pode ser considerado um processo abstrato, contextualizado ou universal.

Segundo Wallon ao lado de Rossetti-Ferreira e outros (2004, p. 24), as atitudes do bebê são formadas pela interação com o outro e por seus movimentos, principalmente quando esse outro completa e interpreta o bebê diante do mundo e do mundo para ele. Esta outra pessoa é geralmente a mãe ou o pai, embora outras pessoas possam assumir ou partilhar esse papel (avós, tios, irmãos, professores de jardim de infância e pré-escola, etc.).

3613

Wallon é um dos pioneiros nos estudos do desenvolvimento humano, trabalha com as emoções, que são uma importante ferramenta para a compreensão do desenvolvimento infantil, e sempre enfatizou a influência do meio social no desenvolvimento humano.

2. DESENVOLVIMENTO

2.1 As manifestações de agressividade-mordidas

É nesse ambiente que o bebê passa a conviver com novas pessoas e a construir novas relações. Com isso, a criança, que antes estava mais centralmente em casa com familiares, tem possibilidades de interação alteradas e ampliadas com a participação, agora, de profissionais da educação e de pares de sua idade (AMORIM; VITÓRIA; ROSSETTI-FERREIRA, 2000).

Porém, os bebês não utilizam a palavra para se comunicar, mas comunicam muitos pensamentos, sensações, desejos e emoções, o que exige uma maior atenção por parte do adulto, na tentativa de compreender suas diversas formas de comunicação e expressão.

Dessa forma, muitos pesquisadores apontam para a necessidade de organizar os espaços e ambientes das creches de maneira a possibilitar as experiências, as interações, a atender às necessidades de movimentação e a incentivar as descobertas e aprendizagens, sem esquecer

também, da necessidade de se ter profissionais mais sensíveis e observadores. Para a Rede de Significações, as ações do bebê são entendidas segundo sistemas de representação do grupo em que ele está inserido (nesse caso: creche/família), ou seja, suas ações são mediadas pelo outro, porém, isso não significa dizer que o bebê reproduz o outro no seu desenvolvimento. Mas, o interpreta e é interpretado por ele, e à sua maneira se comunica e produz algo novo.

E por isso, sempre se destaca a mediação do externo sobre o comportamento do bebê, assim como, o campo interativo e o contexto em que ele está inserido. Contudo, as diversas interações existentes entre bebês são em sua maioria influenciadas pela significação que lhes é dada, pelo contexto em que estão inseridas ou pelo momento em que ocorrem. Isto, quase sempre, com a presença do adulto e/ou de um objeto como mediador dessas interações, que podem ser observadas através de comportamentos socialmente orientados, como sorrisos, vocalizações e contatos físicos.

Porém, para autoras como Carvalho, Império-Hamburger e Pedrosa (1997) apud Anjos et al., (2004, p. 515), por exemplo, o conceito de interação passou por reelaborações e foi concebido como algo que engloba mais do que o simplesmente fazer algo juntos, podendo contemplar, assim, a regulação recíproca, implícita e não necessariamente intencional.

3614

Desse modo, no caso dos bebês, para tentar compreender seu comportamento é preciso considerar o comportamento ou até mesmo, a existência dos outros à sua volta. E assim, surgem os primeiros problemas quanto à questão principal, que será investigada nesta pesquisa, que é o fato de como essas interações são (re)significadas quando apresentadas através de mordidas.

As mordidas são consideradas como manifestações da agressividade e as práticas discursivas que surgem, em sua maioria, referem-se à agressividade sobre adultos ou adolescentes e/ou são admitidas como um comportamento inato ou de personalidade, o que por vezes, só agrava a situação, rotulando a criança como mordedora, limitando seus espaços e interações ou até mesmo reforçando tal atitude e, conseqüentemente, tomando-se cuidado com o bebê e não, cuidando do bebê. Porém, não é a mordida em si que precisa ser discutida, mas sim, o seu significado.

O bebê desde o nascimento, é dotado de um repertório complexo, com um alto grau de organização perceptiva e expressiva, com a emoção permitindo estabelecer e maximizar um intercâmbio com o outro social, revelando-se como constitutiva na formação do vínculo com o

outro (CARVALHO, 1998; BUSSAB & RIBEIRO, 1998, apud ROSSETTI-FERREIRA et al, 11 2004, p. 24).

E isso só é possível porque o outro é capaz de (re)agir e ser mobilizado à emoção, ficando perceptível assim, o sistema interativo existente. Assim, entende-se que as atitudes do bebê tomam forma a partir do outro e de seus movimentos, ou seja, esse outro age como seu mediador e insere a criança nos diversos contextos e posições sociais. Da mesma forma, é por meio das ações com o bebê que, os papéis desses outros, são aceitos ou rejeitados e suas ações se completam e/ou tomam significados.

E fazem com que esse(s) outro(s) favoreça(m) certas condições e direções para o desenvolvimento da criança, então, por meio do processo dialógico, cada pessoa tem seu fluxo de comportamentos continuamente delimitado, recortado e interpretado pelo(s) outro(s) e por si próprio.

Oliveira (1988) apud Rossetti-Ferreira; et al, (2004, p. 25) afirma que: Ao agirem, as pessoas dialogicamente transformam seus parceiros de interação e são por eles transformadas, assim como se modificam as funções psicológicas que lhes dão suporte, remodelando seus propósitos e abrindo-lhe novas possibilidades de ação, interação e desenvolvimento. 3615

De acordo com Rossetti-Ferreira et al. (2004, p. 25), múltiplos papéis e posicionamentos são possíveis de serem apreendidos e transformados por cada pessoa, ao longo de seu desenvolvimento, a partir das múltiplas e complexas experiências pessoais, em contextos variados nos quais diversos recursos sógnicos se encontram disponíveis. Dada a complexidade e a noção de rede existentes na perspectiva da RedSig, entende-se que o desenvolvimento humano se dá também em meios a conflitos e crises que poderão ou não serem superados e que se revelam como parte integrante do processo de constituição das pessoas e situações. A partir dessas reflexões, percebe-se que o ato de morder, quando apreendido como sendo agressivo, pode ser transformado e (re)significado, e não pode ser analisado de forma isolada.

Contudo, os adultos próximos das crianças precisam refletir sobre suas atitudes e sobre as maneiras como se dirigirem a elas, pois poderão ou não, estar reforçando algumas ações, no entanto, não existe uma forma única a ser seguida na tentativa de oferecer guias práticos para resolver tais situações, até porque cada realidade é única e tem as suas especificidades.

CONCLUSÃO

Quanto aos achados de Rossetti-Ferreira, Saullo e Amorim (2013) sobre morder crianças, aspectos como o do presente estudo apontam para o caráter dialógico e constitutivo da comunicação quando o objetivo é revisitar a infância. O artigo aqui apresentado vai além, no entanto, ao abordar as implicações dessas interações e intervenções adultas no comportamento mordedor das crianças que podem perturbar e/ou alterar o seu processo de desenvolvimento.

Assim, os significados apresentados sobre morder estão relacionados ao contexto sociocultural ao qual pertencem os entrevistados/observados, pois são esperadas interpretações que circulem socialmente principalmente no contexto educacional da Educação Infantil. E às vezes parece haver acordo sobre o que leva uma criança a morder outra, mas pode-se dizer que as interações e intervenções em que o contexto ocorre têm características próprias e podem diferir de outros estudos.

É por isso que vale a pena sublinhar aqui o quão difícil é trabalhar com diferentes contextos de colocação de crianças, seja família, educação etc. e que muitas questões permanecem em aberto: Que trabalho a escola/creche promove para que a comunidade escolar compreenda melhor a mordida? O que faz com que uma mordida seja substituída por outra? A fala deixa de ter atitude mordaz? Muitas questões ainda surgem e necessitam de maiores investigações, portanto essas e outras questões serão respondidas em estudos futuros.

3616

Portanto, o objetivo do artigo aqui desenvolvido é promover o surgimento de pesquisas relacionadas ao tema e, à semelhança do trabalho de pesquisa de Amorim, Rossetti-Ferreira e Saullo (2013), ao fornecer material, para incentivar melhores condições de desenvolvimento para as crianças frequentando creches e pré-escolas que os profissionais da área e outras partes interessadas podem ouvir.

REFERÊNCIAS

AMORIM, K. de S. et al. **O bebê e a construção de significações, em relações afetivas e contextos culturais diversos.** Temas psicol. [online]. v. 20, n. 2, pp. 309-326. Ribeirão Preto, SP, 2012.

AMORIM, K. de S.; ROSSETTI-FERREIRA, M. C.; **A matriz sócio-histórica.** In M. C. Rossetti-Ferreira, K. S.; Amorim, A. P. S. Silva & A. M. A. Carvalho (Orgs.). Rede de significações e o estudo do desenvolvimento humano. pp. 94-112. Porto Alegre: Artmed, 2004.

ANJOS, A. M. dos; AMORIM, K. de S.; FRANCHI E VASCONCELOS, C. R. e ROSSETTI-FERREIRA, M. C. **Interações de bebês em creche**. *Estud. psicol. (Natal)* [online]. v. 9, n. 3, pp. 513-522, 2004.

BUJES, M. I. E. “**Escola Infantil: Pra que te Quero?**” In: **Educação Infantil Para Que Te Quero?** CRAIDY, C. M.; KAERCHER, G. E. P. S. (Orgs.). Porto Alegre: Artmed, p. 13-22, 2001.

BUSSAB, V. S. R. e RIBEIRO, F. L. **Biologicamente cultural**. Em L. Souza, M. F. Q. Freitas e M. M. P. Rodrigues (Orgs.). *Psicologia - reflexões (im)pertinentes*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1998.

BRASIL. Lei nº 9.394. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB)**. 26 de dezembro de 1996.

GALVÃO, I. **Henry Wallon: Uma concepção dialética do desenvolvimento infantil**. 19. Ed.– Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.

GONZAGA, A. M. “**A pesquisa em educação: um desenho metodológico centrado na abordagem qualitativa**”. In: *Pesquisa em Educação: Alternativas Investigativas com objetos complexos*. PIMENTA, S. G.; GHEDIN, E.; FRANCO, M. A. S. (Orgs.). Ed. Loyola. São Paulo, SP, pp. 65- 88, 2006, MOURA, M. L. S. de; FERREIRA, M. C. **Projetos de Pesquisa: elaboração, redação e apresentação**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2005.

OLIVEIRA, Z. de M. R. de; SOARES-SILVA, A. P.; AMORIM, K. de S.; ROSSETTIFERREIRA, M. C. **Desafios Metodológicos na Perspectiva da Rede de Significações**. *Cadernos de Pesquisa*, 38(133): pp. 147-170, 2008.

OLIVEIRA, S. L. **Tratado de metodologia científica: projetos de pesquisas, TGI, TCC, monografias, dissertações e teses**. São Paulo: Pioneira, 1997.

ROSSETTI-FERREIRA, M. C.; AMORIM, K. de S.; SILVA, A. P. S. da; CARVALHO, A. M. A. **Rede de Significações e o estudo do desenvolvimento humano**. Porto Alegre: Artmed, 2004.

ROSSETTI-FERREIRA, M. C.; MELLO, A. M.; VITORIA, T.; GOSUEN, A.; CHAGURI, A. C. **Os Fazeres na Educação Infantil**. 12 ed. São Paulo: Cortez, 2011.

ROSSETTI-FERREIRA, M. C., AMORIM, K. S., VITÓRIA, T. **A Creche enquanto contexto possível de desenvolvimento da criança pequena**. *Revista Brasileira de Crescimento e Desenvolvimento Humano. Cadernos de Pesquisa*, n. 109, março/2000 143 São Paulo, v. 4, n. 2, p. 35-40, 1994.

SAULLO, R. F. M.; ROSSETTI-FERREIRA, M. C. e AMORIM, K. de S. **Cuidando ou tomando cuidado? agressividade, mediação e constituição do sujeito - um estudo de caso sobre um bebê mordedor em creche**. *Pro-Posições* [online]. vol. 24, n. 3, pp. 81-98, 2013.

VENEZIAN, J. de A., OLIVEIRA, B. R. e ARAUJO, M. A. da C. **“O manejo da agressividade da criança: o que uma mordida quer dizer?”** In: Formação de Profissionais e a Criança-Sujeito, Ano 7, 2008, São Paulo.

VIANNA, H. M. **Pesquisa em educação - a observação.** Brasília: ed. Plano. 2003. Série Pesquisa em Educação, v. 5.

WALLON, H. **As origens do caráter na criança.** Tradução Heloysa Dantas de Souza Pinto. São Paulo: ed. Nova Alexandria. 1995.

_____. **Psicologia e educação da infância.** Tradução de Ana Rabaça. Lisboa: ed. Estampa. 1975.